

Roriz descarta apoio a Maurício Corrêa

166

Governador diz que coligação com o PSDB regional foi inviabilizada com o anúncio antecipado do candidato dos tucanos

ANA DUBEUX

Em meio ao processo de descompatibilização de alguns candidatos à sucessão do GDF e dias antes de iniciar as negociações para escolha do candidato do seu grupo à disputa ao GDF, o governador Joaquim Roriz, descarta a possibilidade de o PP coligar o PSDB em âmbito regional. Segundo ele, o fato de os tucanos terem anunciado previamente as candidaturas de Maurício Corrêa, ao GDF, e de Maria de Lourdes Abadia, ao Senado, deve inviabilizar qualquer tipo de composição entre os dois partidos. "Não queremos aderir, queremos coligar", avverte, depois de garantir que a iniciativa do PSDB pode interromper os entendimentos de apoio à candidatura de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República. "Aqui, o cabeça de chapa deve ser do PP. É o mais justo", pondera. Nessa entrevista ao Jornal de Brasília, Roriz garante que o PT não oferecerá nas eleições de outubro perigo "por estar estagnado", e se mostra confiante na hipótese de coligar com o PTB, do senador Valmir Campelo, reconhecendo que fará todo o esforço possível para mantê-lo como aliado. Antes de iniciar mais uma maratona de inaugurações de obras, o governador admitiu ontem, que José Roberto Arruda não é sua única opção, abrindo caminho para novas candidaturas. "Temos vários nomes com chance de vitória", apostou.

ENTREVISTA / JOAQUIM RORIZ

JBr — O fato de o PSDB regional ter lançado as candidaturas de Maurício Corrêa, ao GDF, e de Maria de Lourdes Abadia, ao Senado, inviabiliza uma aliança com o PP?

Roriz — Nós do governo, nós do PP, temos muito interesse em coligações. Mas não estamos dispostos e não vamos aderir. Se um partido lança regionalmente nomes a quase todos os cargos majoritários inviabiliza a aliança. Hoje, o PSDB já tem candidato à Presidência da República e nós estamos iniciando as conversações políticas em busca de um entendimento para apoiar Fernando Henrique Cardoso. E a razão disso é porque eu, pessoalmente, entendo que ele é uma boa alternativa para o Brasil. Vou trabalhar agora, ainda mais, dentro do meu partido para consolidar este apoio.

— Alguns setores do grupo rorizista resistem em formalizar este apoio?

— Temos, de fato, enfrentado algumas dificuldades internas. Mas vou trabalhar para remover essa resistência, e conseguir chegar a um consenso. Porém, na medida em que vejo pela imprensa que o PSDB aqui já está lançando candidato ao governo e ao Senado isto inviabiliza qualquer entendimento. Coligação não é adesão. É muito diferente disso. Portanto, esses lançamentos, no momento, prejudicam o entendimento maior.

— O senhor pode deixar de apoiar Fernando Henrique se o PSDB insistir em indicar o cabeça de chapa em Brasília?

— Eu disse que vou trabalhar para remover as resistências internas, buscar um entendimento e, naturalmente, como consequência, apoiar Fernando Henrique Cardoso. Mas deixo claro que temos resistências internas e, inclusive, algumas restrições. Acontece que ele disputa o cargo maior, que é o de presidente da República e para buscar a vitória precisa fazer um entendimento de compensação na política regional. Se o partido lança candidato à Presidência, ao governo e ao Senado, isto inviabiliza uma conversação maior. Porque aí passaria a ser adesão.

— O cabeça de chapa ao GDF tem de ser do PP?

— Deve ser do PP. É o maior partido da cidade: temos 11 distritais, dois deputados federais, dois senadores e o governador, e a vice, então não há sentido ficarmos de fora. Claro, se ele é o maior partido deverá indicar um candidato dentro do partido para o GDF. A cabeça de chapa tem de ser nossa.

— Quando o senhor e o partido decidem o nome do candidato?

— Estamos aguardando as definições da sucessão na esfera federal, mas as conversações devem começar de imediato. Porém, a definição total só se dará no correr do mês de abril, podendo chegar até o mês de maio.

— O senhor pretende fazer uma pesquisa ou uma prévia

interna?

— Estamos pensando em fazer uma prévia, mas não temos nada definido. Queremos escolher dentro do partido qual o melhor nome para a disputa ao GDF.

— O PT é o seu adversário mais forte no Distrito Federal?

— Eu entendia que sim, mas nos últimos dias não estou vendo crescimento do partido. Parece que o PT está estagnado. É o meu pressentimento porque não conheço a ação deles. Isto é problema deles, não é nosso, mas não estou sentido um crescimento do PT aqui em Brasília.

— Por que a coligação com o PTB do senador Valmir Campelo ainda não foi fechada?

— Não está fechada ainda, mas temos o maior interesse nela. Sempre estivemos juntos. Participamos das eleições passadas coligados, tivemos sucesso, ele saiu senador e eu governador.

— Mas o senador parece não querer abrir mão de ser o cabeça de chapa do grupo rorizista. A resistência dele não provocará rachas?

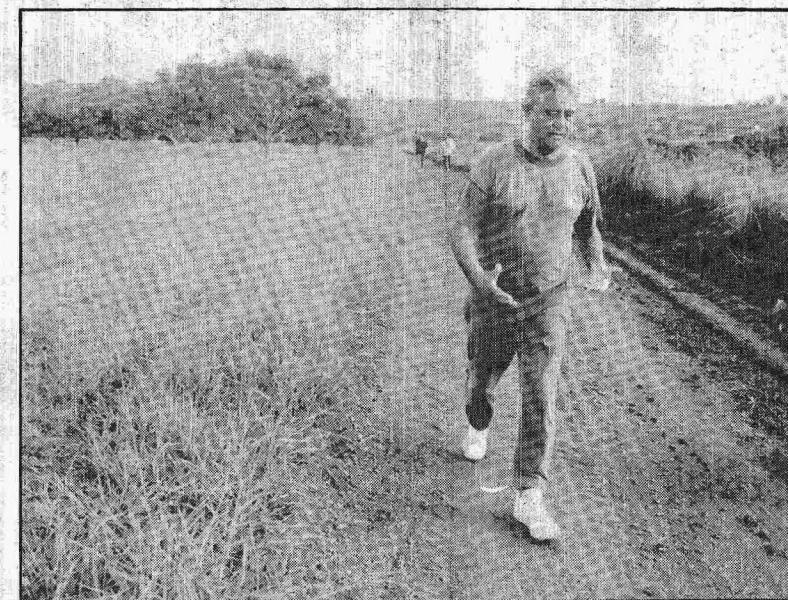
— Acho que o senador não vai resistir. Ele sabe das dificuldades partidárias. As conversas que tenho tido com ele têm sido muito boas. São conversas em que nos preocupamos muito com o crescimento partidário, mas também com o futuro da cidade. Pelo que senti, o Valmir Campelo está muito consciente de que um entendimento entre nós é importante muito mais para Brasília do que para os partidos individualmente.

— Há quem aposte que o senhor vai ser forçado, em nome da unidade do grupo, a escolher dentro do PP um nome que não seja o de José Roberto Arruda. Isto é possível?

— Tudo é possível, porque se tivéssemos só um nome, nós já saberíamos quem era e estariamos com a campanha nas ruas. Existem várias outras pretensões e possibilidades. Como nós entendemos que todos os eventuais candidatos têm condições de postular e podem chegar à vitória, que têm outras ambições, nós não podemos dizer que estamos apoiando este ou aquele antes de definir internamente essa questão.

— O senhor desistiu de concorrer às eleições, mas vai continuar na vida pública. Faz planos de ser ministro num eventual governo do tucano Fernando Henrique ou pretende apenas ser o presidente nacional do PP?

— O meu futuro político já está definido: quero ficar no Governo até o final do mandato, terminar todos os compromissos que assumi com a sociedade, inaugurar todas as grandes e fundamentais obras do Distrito Federal e, além disso, ajudar a eleger meu sucessor, a maioria na Câmara Federal, no Senado e Câmara Legislativa. Isto posto, fico realizado como político e me preparo para o futuro, depois de passar uma temporada fora do Brasil.



Por recomendação médica, Roriz caminha uma hora de manhã...



... e faz exercícios de musculação para se manter bem disposto



Ao final do esforço físico, a pressão registra 13 por 8

Despacho durante a caminhada matinal

As manhãs do governador Joaquim Roriz começam efetivamente após uma caminhada de cerca de uma hora nos arredores da residência oficial de Águas Claras. O costume é antigo e é acompanhado não só por seus familiares como por assessores próximos. "Aqui, tomamos muitas decisões importantes do Governo. Às vezes despacho durante a caminhada", contou Roriz, ontem de manhã, ao Jornal de Brasília. Ele diz estar em forma para enfrentar o ritmo acelerado da campanha eleitoral.

Roriz manteve uma conversa descontraída durante toda a caminhada, momento, que segundo ele, é o mais relaxante do seu corrido dia-a-dia. "Adoro conviver com a natureza e respirar o ar puro. Isto tudo me inspira", confessa. Mais do que um instante de relax, a caminhada é uma orientação médica. "Faz bem a minha saúde. Quando não ando o corpo sente falta". Ontem depois de andar seis quilômetros e fazer exercícios de musculação a pressão do governador, que tem 1,88 de altura, 95 quilos e 57 anos, manteve-se em 13 por 08 e a pulsação cardíaca em 92 batimentos. Níveis considerados ideais de acordo com seu preparador físico. (A.D.).

Paciência e mistério na hora de negociar

Reconhecido até mesmo pelos adversários como mestre na arte das costuras políticas, o governador Joaquim Roriz confessa que uma das fórmulas para o sucesso como articulador é saber ouvir com paciência e manter-se estratégicamente em posição de imparcialidade antes da indicação oficial dos nomes.

Outra boa estratégia, em meio ao processo de escolha dos candidatos, é fazer um certo mistério, uma arma infalível na hora de fechar as composições. Após deixar a cidade em suspense durante semanas, o governador começa a abrir o jogo sobre seus planos: vai permanecer no GDF até dezembro, tentará fazer seu sucessor e depois viajar ao exterior. Na volta ele diz que, se dedicará exclusivamente ao PP.

Antes de entregar o cargo ao sucessor concluirá todos os trechos das obras do Metrô e de despoluição do Lago Paranoá. Também dará uma atenção especial às áreas de saúde e segurança. (A.D.).